

Argumentações sobre Escola, Leitura e Professores.¹ **Arguments about School, Reading and Teachers.**

Liandra Pereira²

Resumo: Este artigo situa a leitura no universo escolar, concebendo-a como instrumento vitalizador e viabilizador para engendrar um processo ensino-aprendizagem sintonizado com seu tempo e assim configurá-la como veículo primaz das relações sociais e como articuladora/mediadora para apreensão do mundo; oferecendo assim subsídios para intensificar a imperativa necessidade de redimensionar as práticas de leitura adotadas e a postura/perfil do professor perante as mesmas.

Palavras-Chave: Práticas de Leitura, Escola, Formação de Professores, Leitor e Escritor.

Abstract: This article situates the reading in the school universe, conceiving it as instrument to give more life and to make possible to engender a process teaching-learning tuned in with its time and like this to configure it as archbishop vehicle of the social relationships and as articulate/mediate for apprehension of the world; offering like this subsidies to intensify, the imperative need to remeasure the adopted reading practices and the teacher's posture/profile before the same ones.

Keys-Words: Practice of Reading, School, Formation of Teachers, Reader and Writer.

O contexto escolar e a leitura

A escola é caracterizada como “locus” da aprendizagem, como local privilegiado para gerir, organizar, descobrir e redescobrir o conhecimento.

Este trabalho é fruto das sedutoras e instigantes reflexões surgidas nas aulas de História da Educação e da Leitura, sob orientação da Professora Doutora Maria Teresa S. Cunha, no Mestrado de Educação e Cultura - UDESC. Professora e coordenadora do curso de Pedagogia - UNIVILLE. Mestranda em Educação e Cultura da UDESC.

¹ Este trabalho é fruto das sedutoras e instigantes reflexões surgidas nas aulas de História da Educação e da Leitura, sob orientação da Professora Doutora Maria Teresa S. Cunha, no Mestrado de Educação e Cultura - UDESC

² Professora e coordenadora do curso de Pedagogia – UNIVILLE – Mestranda em Educação e Cultura da UDESC.

Configura-se para alguns como fonte inexorável de informações, ‘trampolim’ para a ascensão social - com função e interesse utilitários, para outros reveste-se de um caráter enfadonho e excludente, enquanto para os demais é a instituição de passagem e convalidação de um ‘status quo’, já lhes conferido por sua condição social.

O contexto que circunscreve a escola brasileira, já testemunhou muitas transformações no decorrer de sua história pedagógica, desde a tendência tradicional - ainda presente em muitos segmentos escolares, passando pela vertente escola-novista e tecnicista - também com remanescentes ativos vigentes, até a pedagogia crítico social dos conteúdos, várias foram as dificuldades superadas, longos os percursos percorridos, inúmeras as contradições encontradas. Com o advento da tecnologia, na era da informação que desencadeou a era do conhecimento, incontáveis são os constantes desafios que se apresentam e apesar do desprovimento e precariedade, procura a escola adaptar-se e sobrevive utilizando-se dos instrumentos disponíveis.

É salutar observar, como desde as mais laicais estruturas que remontam o ensino jesuíta, até as modernas concepções de aprendizagem encontra-se soberanamente presente no universo escolar a ‘leitura’ - porque não se gere conhecimento sem leitura. A realidade é interpretada, explicada, investigada e analisada através da apropriação que dela fazemos, desde a leitura através da oralidade/visual até a leitura no seu sentido formal/sistemático a sua relevância é inquestionável em qualquer nível educacional e social.

“Em essência, a leitura caracteriza-se como um dos processos que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de possibilidade de transformação sócio-cultural futura. E, por ser um instrumento de aquisição, transformação e produção do conhecimento, a leitura, se acionada de forma crítica e reflexiva dentro ou fora da escola, levanta-se como um trabalho de combate á alienação, capaz de facilitar ás pessoas e aos grupos sociais a realização da liberdade nas diferentes dimensões da vida (SILVA, 1994: 24)”.

Torna-se conveniente no entanto, refletir a respeito dessa afirmação no sentido de questioná-la, sendo que é cabível enquanto consideração teórica, mas, contestável como articulação prática. Infelizmente constatamos no cotidiano escolar, na maioria das situações, direcionamentos para uma leitura fragmentada e esvaziada de sentido e significado, incoerente com a afirmação de GOULEMOT (1996: 107) “(...) a leitura é sempre produção de sentido”. Essa produção de sentidos está vinculada ao que já conhece o leitor sobre o assunto, ao interesse que tem pelo tema, em fazer emergir o que pensa sobre. A informação e compreensão de cada indivíduo sobre a leitura vão depender de sua estrutura cognitiva, do conhecimento prévio que possui e do que procura saber - e isso pressupõe intencionalidade.

Ironicamente o contexto escolar mais reproduz histórias, exige cópias de trechos quaisquer com o propósito de ocupar tempo, soletra frases desconexas, decodifica textos sacralizados e banaliza todo apelo visual da mídia publicitária, ignorando o dinâmico mundo externo á escola, tomando assim as aulas desinteressantes e monótonas. A utópica essência da leitura proposta, visando a efetiva participação social do homem, bem como a sugestão da leitura como veículo de combate á alienação e conseqüente ferramenta para emancipação social é negada ‘á priori’.

Somam-se a essa perspectiva os falaciosos programas de livro didático, de distribuição gratuita, com recomendação do MEC, que conspiram para a perpetuação do pacto de mediocridade educacional. Através de textos medíocres escolhidos

estrategicamente, com ilustrações elitistas: a família perfeita, a casa confortável, o carro dos sonhos, o trabalho ideal, contendo exercícios repetitivos, com ênfase objetiva, pouco reflexiva discursiva e criativa (com o falso pretexto de facilitar o trabalho ao atarefado professor) com valores e moral expressos previamente para evitar o desvirtuamento das intenções, garantindo o adestramento cultural.

A era do conhecimento oferece uma diversidade intensa e extensa de textos e formas de leitura, desde outdoors, gibis, almanaques, livros de auto-ajuda, revistas, jornais, embalagens, filmes e outros entretenimentos, até refinados e clássicos textos literários, que coabitam com as imagens e criações tecnológicas e virtuais, possibilitando ao indivíduo explorar dimensões não usuais do imaginário coletivo e pessoal.

A leitura, que anteriormente estava restrita a ambientes fechados, hoje permeia e está presente em todos os lugares. No ônibus, ou metrô, nas praças e ruas, consultórios e estabelecimentos comerciais, lê-se para ampliar os limites do próprio conhecimento, para obter informações simples e complexas, para saber mais sobre o universo factual e em busca de diverso e descontração, ou para obter deleite, através do romance e da poesia, talvez reviver e projetar expectativas nas personagens, ficção, suspense e aventuras nas histórias que narram tramas da vida real. Ler portanto, inclui experimentar a complexidade, a multiplicidade, avistando cenários e habitando paisagens ocultadas na penumbra da vida cotidiana.

Se a leitura está presente em tantas situações de vida, porque justamente na escola, onde deveria ser encarada com maior familiaridade, encontra certa resistência? O que está determinando essa vulnerabilidade e hostilidade com relação à leitura?

A presença da leitura no contexto escolar não é tida como práxis, como hábito para aprender a percorrer os caminhos do gostar a ler, mas como estratégia uni disciplinar, geralmente atribuída à disciplina de português, como se para as demais disciplinas constituísse a leitura mero subsídio para decifração de textos didáticos pré-elaborados. Dessa forma estanque e descontextualizada serve a leitura ao ideário capitalista como instrumento impregnado de manipulação e controle, determinando ideologias e posturas; expropriando interpretações e reduzindo o campo de atuação social.

É interessante observar como gradativamente à medida que as crianças tornam-se pré-adolescentes, paralelamente tornam-se também não-leitoras, o que acentua-se na adolescência e consolida-se na juventude.

Estando a leitura indissociavelmente ligada à escrita e delegada à escola a função primordial de ensinar a ler e escrever, muitas vezes a própria escola fada seu insucesso, pelo fato de priorizar a escrita, ao invés de considerá-la como um processo decorrente e sincronizado com a leitura. Habitualmente a escola toma a leitura como tinha estratégia puramente avaliativa, preocupando - se com a fluência, a pronúncia, a dicção, rapidez decifratória e enigmática - quesitos todos destituídos de sentido para os alunos, visando treinar gramática e ortograficamente, em substituição a aprender a ler e conhecer o mundo através das páginas gráficas e da imaginação, em contraposição à leitura como fonte de prazer, de satisfação pessoal, de conquista, de realização e motivação para criar vínculo afetivo com a escola.

Não devera a escola preocupar-se menos em ensinar a ler e mais em ensinar através da leitura ? Porque não o faz? Ao contrário percebe-se que os professores compactuam com concepções homogeneizantes de leitura. Será que reproduzem o que já lhes foi negligenciado ou providencialmente no compreendem a importância da leitura como fonte perene de informação e educação durante e após a vida escolar. A leitura não é um ato

solitário, porque implica intersubjetividade, diálogo intra e interpessoal, com mediação coletiva, mas como enfatiza CAGLIARI (1994:176) “ O ser humano precisa conversar consigo, ter seu momento de solidão, e a leitura é um grande auxiliar de reflexao, da mediação, do voltar-se para dentro de si”

Cabe portanto à escola atualizar as suas condições e procedimentos de ensino, permitindo que tanto no âmbito individual quanto no âmbito coletivo, otimizem-se as práticas de leitura e conseqüentemente de escrita, fazendo da sala de aula laboratório da vida, onde autonomia, a participação democrática e o exercício para cidadania possam ser incentivados amplamente.

A leitura e o professor

O perfil do perfil e a relação que estabelece com a leitura tem estreita ligação com a prática docente que desencadeia e a respectiva motivação que projeta em seus alunos.

A arrojada postura docente que atualmente é exigida dos profissionais da educação inclui dinamismo, autonomia, pesquisa, considerando-os como agentes ativos, mediadores e interlocutores do processo ensino-aprendizagem, o que lhes permite através de seu desempenho e performance incluir e socializar os discentes essa mesma versatilidade. Destaca-se portanto, que o exemplo constitui-se a ferramenta mais eficaz para consolidar essa prerrogativa. Mas em detrimento de incontáveis mazelas sociais e da classe, encontra-se o professor desorientado e furta-se atônito por não corresponder às expectativas contemporâneas da profissão.

A identidade profissional do professor precisa ser recriada, e isso pressupõe constantemente atualização, que não é legado, nem adquire-se por osmose, contempla determinação, iniciativa, capacitação através da participação interativa em cursos, seminários, congressos e prioritariamente leituras.

Contexto escolar que privilegia formas mecanicistas de ensino da leitura, que não estimula a diversidade de textos, que decifra, decodifica de forma fragmentada, que encara a leitura como fim em si mesma, é indicativo assertivo de professor em desprestígio, aniquilado em sua prática, quem não lê, não envolve-se, não sente prazer em descortinar o conhecimento no folhear das páginas de um livro, não poderá ensiná-lo também. Cabe ao professor fazer das suas recomendações, suas vivências.

Urge que os professores revejam sua postura pedagógica e seus encaminhamentos em relação à leitura e principalmente assumam-se como sujeitos e agentes de sua prática em sala de aula, nos corredores da escola, enquanto leitores e como ensinantes e aprendentes de leitura em suas diferentes situações. Assumindo igualmente o desafio de ler e gostar de ler, compartilhando essa prática.

Libertar-se das amarras manipulativas historicamente determinadas pela leitura e revertê-la em instrumento que abarca e expressa os anseios dos leitores, ao invés de manter a ideologia dominante, questioná-la; implica em converter a leitura em instrumento reflexivo e reivindicatório, que conjuga interesses antagônicos em vez de subjugar-los, ampliando espaços de contradição que recriem oportunidades para o exercício da cidadania.

Para adquirirem os alunos essa postura é necessário primeiramente que os professores a comunguem, livrando-se da mesmice escolar carregada de neutralidade profissional, “(...) os melhores mestres foram homens de paixão e de intrepidez, que desenvolveram seu rigor intelectual e moral com base no seu entusiasmo e na sua luta, não

na sua neutralidade” (FOUCAMBERT, 1994: 32) que estirpará conseqüentemente a leitura neutra e ingênua, construindo a educação com a qualidade pretendida (...) é preciso assumir que o professor não é instrutor de fórmulas e que a escola não treina técnicos para atividades específicas, ela forma sujeitos para o mundo e que só se ensina quem quer e vê alguma razão para isso” (BRITTO: 1994, 77).

Ostensivamente deve procurar o professor envolver-se, oportunizar e vivenciar com seus alunos práticas de leitura instigantes, utilizando-se do variado material impresso disponível, fazendo da leitura um desafio participativo diário. Oferecer a possibilidade de manusear diferentes literaturas com distintos suportes, visitar bibliotecas, contar histórias para seus alunos, comentar livros, socializar interpretações, organizar registros e sistematizar relatos a partir destes, são atitudes simples que poderão estimular a formação do leitor. É desejável lançar mão dessas estratégias porque a princípio ler pode não ser necessariamente agradável exigindo dedicação, perseverança, habilidades cognitivas, perceptivas e visuais.

Além das atividades mencionadas possui o professor a fértil ferramenta da criatividade, o que significa que embora aparentemente os recursos não existam, possam ser criados alternativamente - feiras de livros, bibliotecas itinerantes, programas de leituras inter-escolares, dramatizações, contação de histórias, jornal escolar etc.

É importante destacar que os próprios alunos possuem sugestões para um trabalho mais proveitoso e interativo, sendo que a troca de experiências com os colegas de profissão, também divulga as iniciativas, fortalece o entrosamento pedagógico e favorece a prática interdisciplinar.

Mas a validade da afirmação anterior continua preponderando, o ponto de partida é sempre o próprio professor, as relações que estabelece com a leitura são determinantes da sua prática atitudinal, sendo que indubitavelmente contagiará, convencerá seus alunos e decisivamente encaminhará para obter saber/conhecimento através da leitura.

A leitura na formação de professores

Estudos sobre leitura existem muitos, recentemente pesquisas na área educacional contribuíram grandemente para a elucidação e esclarecimentos relativos a aquisição e desenvolvimento da leitura. As discussões emergem abordando questões como didática da leitura na escola, trabalho textual, manuais didáticos, aluno leitor e leituras do professor, porque a idéia de ensinar leitura sem ser leitor torna-se estranhamente incompatível.

Angela da Rocha Rolla (1997: 48), pontua que: “a formação do professor leitor passa por muitos caminhos, que dependem em grande parte do padrão de vida familiar, das condições de acesso aos centros culturais, da valorização da arte como forma de lazer e dos mediadores de leitura, mas sobretudo da sua capacidade de superar barreiras, através de uma predisposição individual e um aplauso da sociedade em relação á literatura.”

A predisposição individual e a intencionalidade são fatores de primazia, que determinam a forma como o professor conduz sua práxis pedagógica e o crédito que deposita ele próprio em sua profissão.

Atualização teórico-metodológica e leitura não se herda, nem se adquire, são produtos de engajamento aliado à perseverança e comprometimento profissional. Muitas vezes o padrão social e outras dificuldades servem como escapatórias para justificar o insatisfatório, quase inexistente hábito de leitura e igualmente precário acervo bibliográfico particular dos professores. Normalmente suas leituras são cumprimento de obrigação, por necessidade no planejamento de aulas ou vislumbrando rápida atualização profissional, por vezes participação em concursos, isso quando não é exigência ou proposta de estudos em curso; raramente é realizada a leitura como fonte de lazer ou prazer.

“ (...) a auto-imagem dos professores como leitores é, a todo momento, arranhada pela imprensa, pela pesquisa, pelos formadores de professores; mas os docentes devem, ao mesmo tempo, criar para si mesmos e para os outros a crença em suas competências em matéria de cultura legítima, evitando denunciar a si mesmos e ao “blefe” cultural que, na verdade, mantém (BATISTA: 1998,58).

Crer em sua competência, mantê-la e ampliá-la, no enquanto blefe cultural, mas como cultura legitimada, é articulação necessária e que deve ser estabelecida pelos professores enquanto leitores e interlocutores significativos no processo de formação de crianças leitoras, como aborda EVANGELISTA (1998).

Atuando o professor como formador de leitores, deve preocupar-se com a qualidade e quantidade de leituras que realiza, com as práticas de leitura que propõem, com a diversidade de textos: literários, informativos, técnicos, científicos, de entretenimento.

A sua história de vida, a sua relação com a leitura no presente e no passado são igualmente referenciais importantes que contribuem para a tecelagem da teia do seu saber. Os registros de aulas, atividades e leituras são indiscutivelmente a busca e construção de sua identidade e propósito educacional coesos. Indicando também um professor - leitor apto a testemunhar o prazer de ler, de descobrir, degustar a leitura com convicção, tendo no livro companhia agradável, no conhecimento acumulado, encontrando em cada livro e em cada estilo uma forma diferente de viver e ver a vida, sendo por isso a leitura investimento eterno, educação por excelência.

A experiência de ensinar e aprender a leitura, exige sintonia entre livro e leitor, certa hospitalidade do livro e disponibilidade do leitor, segundo LARROSA (2000: 140) “a experiência da leitura quando envolve ensinar e aprender, implica a relação de cada um consigo mesmo e com os outros”

Ainda LARROSA (2000: 140), expressa: “o professor - aquele que dá o texto a ler, aquele que dá o texto como um dom, nesse gesto de abrir um livro e de convocar à leitura - é o que remete o texto”. Enfatizando a relevante responsabilidade que possui o professor ao selecionar, seduzir o aluno para a leitura como um presente, concebendo a leitura como dom.

“O professor lê escutando o texto como algo em comum, comunicado e compartilhado. E lê também escutando a si mesmo e aos outros. O professor lê escutando o texto, escutando-se a si mesmo enquanto lê, e escutando o silêncio daqueles com os quais se encontra lendo. A qualidade da sua leitura dependerá da qualidade dessas três escutas. Porque o professor empresta sua voz ao texto, e essa voz que ele empresta é também sua própria voz, agora definitivamente

dupla, ressoa como uma voz comum nos silêncios que a devolvem ao mesmo tempo comunicada, multiplicada e transformada”. (LARROSA, 2000:141)

Na infinita multiplicidade da leitura seja literal ou de entrelinhas pode o professor promover um espaço instigante que permita descobrir e embrenhar-se no exercício e capacidade de pensar, não no sentido de buscar conclusão, assimilar, mas inversamente a esse processo extravasar, transcender as fronteiras do pensável e do determinado.

Aprender a ler, envolve aprender a se expressar, aprender a escrever e a melhor forma de fazê-lo é lendo e escrevendo, porque é pela leitura que a escrita libera o espaço para escrever.

Apropriando-se novamente das concepções de Jorge Larrosa (2000), ler implica conduzir o texto ao seu extremo, para no seu limite abrir a possibilidade de escrever.

Contemplando essas perspectivas, realizou-se restrita pesquisa/entrevista com docentes que atuam em curso superior na área de educação, mais precisamente no Curso de Pedagogia e docentes que atuam no Curso de Administração de Empresas para investigar suas relações com a leitura e seus desdobramentos. Apesar da reduzida amostragem, alguns aspectos evidenciaram-se com muita veemência.

Quando questionados a respeito de livros e histórias que marcaram sua infância, constituindo suas principais memórias de leitura, foram apontados com maior frequência tanto em Pedagogia como em Administração o livro Pequeno Príncipe, as histórias de João e Maria, O Soldadinho de Chumbo, Cachinhos de Ouro, sendo que no curso de administração dois professores relataram não terem lembranças nítidas a respeito de suas leituras, mencionando a escassez de recursos e dificuldade de acesso á leitura. É interessante observar no entanto, como nas mesmas leituras o direcionamento e interpretação dos professores de Administração é distinto dos professores de Pedagogia, revelando peculiaridades das áreas em que atuam os entrevistados. Todos os professores demonstram convicção com relação a importância e influência da leitura nos mais diversificados campos do saber e afirmam gostar de ler, apesar de destacarem que recentemente a grande quantidade de leitura técnica e didática exigida pelos cursos de especialização e capacitação docente dos quais participam, às vezes impede-os de ler com prazer. Na amostragem em questão, os professores do Curso de Administração declararam interesse maior por livros de sua área, revistas e jornais - que garantem sua atualização constante, enquanto que os professores do Curso de Pedagogia revelaram uma intimidade e relação mais envolvente com a leitura, lendo uma maior variedade de assuntos, sem deixar de aprofundar-se nas temáticas de educação. Outro fator preponderante é a ênfase que dão os dois cursos para a importância de reforçar o hábito e gosto de leitura nos acadêmicos, sendo esse fator apontado como dificuldade no exercício da docência, apesar de citarem seu constante exemplo enquanto leitores.

Novamente, pelo menos aparentemente o Curso de Pedagogia pareceu adotar estratégias mais convincentes e atraentes para despertar nos seus discentes o gosto pela leitura, tornando-a constante.

É um alento perceber essa postura por parte dos professores formadores de formadores de leitores, principalmente por saber da determinante importância que tem a leitura para um educador. Os livros que lê, as leituras que compõem seu ideário pedagógico e de cidadão vão delinear suas concepções e orientar sua prática educacional, imprimindo o encaminhamento para o ensino de leitura que oportunizarão aos seus alunos.

As experiências de leitura são extremamente valiosas na formação de professores, sendo que muitas vezes incitam tensão, conflito e negação, para viabilizar a construção da própria identidade profissional.

“Enfiar-se na leitura é enfiar-se no texto, fazer com que o trabalho trabalhe, fazer com que o texto teça, tecer novos fios, emaranhar novamente os signos, produzir novas tramas, escrever de novo ou de novo: escrever” (LARROSA, 2000,146).

Para o professor que entende a sua formação como continuada, comprometido com a sua prática, que compartilha com seus alunos o prazer de ler, enfiar-se na leitura, produzir novas tramas torna-se vital. Assim como é vital relacionar-se com as pessoas, ler o mundo que o cerca e imprimir no fazer pedagógico diário um inusitado fascínio, só comparável ao degustar de um bom livro.

Considerações finais

No limiar do novo milênio, crepita a urgência por uma postura educacional comprometida, com fundamentados discursos e mais ações, que vislumbre a mudança do paradigma pedagógico, para que ao mediar a apreensão do mundo a escola possa suprir as necessidades emergentes, proporcionando a superação que trilhe os caminhos da transformação e emancipação humanas.

A consciência crítica, dinâmica e comprometida não se herda, nem se transmite aleatoriamente, é resultante de um processo contínuo de formação mediatizada pelo mundo real, incorporada pelo testemunho atuante, pela ação intencional e coletivamente política. Os sedutores apelos da mídia articulados aos recursos tecnológicos, esfacelaram e banalizaram o arcaico universo escolar, recheado de informações obsoletas. O espaço que deveria ser de leitura efetiva, de reflexão, análise e reelaboração da realidade, tornou-se espaço para reprodução do ideário dominante.

Uma escola que vislumbre alunos interventores e partícipes da cidadania globalizada, visará *apriori* igualmente por professores políticos, construtores de suas concepções e ideologias coletivas, aptos a serem os pioneiros, em direcionar sua própria história socializando-a democraticamente.

Fazer da leitura o portal para integrar-se ao mundo contemporâneo, que cada vez mais exclui, produzir e encontrar sentido em cada texto, em cada página, pode não ser tarefa fácil, porque exige ruptura, exige reflexão. Práticas de leituras nas escolas há muitas, mas fica o questionamento: leitura para quê? Leitura para quem? E servindo a quais interesses?

A leitura que diverte, que instiga, que desperta, que instrui, que ‘metamorfoseia’ e habilita para percorrer os caminhos do saber precisa ser resgatada, experienciada e cultivada no meio escolar, primeiramente pelos professores, porque aquele que não lê e não deleita-se na arte da sedução Uterária, não poderá motivar ou instrumentalizar outrem a fazê-lo. E na sua historicidade presente que o educador dimensiona seu futuro e reflete o futuro de seus educandos.

O trinômio escola/leitura/professor na sua relação cíclica converte-se sempre em escola/leitura/professor/aluno, a influência da leitura na educação é notória e explícita, porque direciona sempre para pensar sobre si próprio e na crença de que é só pensando sobre si mesmo que poder-se-á relacionar melhor com os outros e com o mundo é que deve

a escola através dos seus professores, fazer-se ponte para preconizar a construção de um mundo melhor.

Referências Bibliográficas:

BARBOSA, José Juvêncio. Alfabetização e Leitura. Série Formação do Professor. Editora Cortez. 2ª Edição. São Paulo. 1994.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre a Leitura na Escola: 5 equívocos e nenhuma solução. Cadernos 21, ago.-dez. p. 71-77.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & Lingüística. Série Pensamento e Ação no Magistério. Editora Scipione. 7ª Edição. São Paulo, 1994.

GOULEMOT, J.M. Da leitura como produção de sentido. In: CHARTIER, Roger. Práticas de leitura. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

FOUCAMBERT, Jean. A Criança, o Professor e a Leitura. Uma tradução Marleine Cohen e Carlos Mendes Rosa. Artes Médicas. Porto Alegre. 1998.

LARROSA, Jorge. Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas. Uma tradução de Alfredo Veiga-Neto. Editora Autentica. 3ª Edição. Belo Horizonte. 2000

MARINHO, Marildes e SILVA, Ceris Salette Ribas da (Orgs).. Leituras do Professor. Coleção Leituras do Brasil. Mercado de Letras. São Paulo. 1998

ROLLA, Angela da Rocha. A Leitura e o Espaço do Prazer: Um Estudo Sobre as Práticas Docentes. Leitura: Teoria & Prática. Associação de Leitura do Brasil. N° 30. Mercado Aberto. Porto Alegre, 1997.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Elementos de Pedagogia da Leitura. Programa Nacional Biblioteca do Professor. Editora Martins Fontes Ltda. 2ª Edição. São Paulo. 1994.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.) Leitura: Perspectivas Interdisciplinares. Série Fundamentos. Editora Atica. 3ª Edição. São Paulo. 1995.